

A proposta da escola parque: notas para pensarmos políticas públicas para a educação no Brasil

Resumo

Este texto versa sobre a Escola Parque, proposta elaborada por Anísio Teixeira para organizar o ensino básico no Brasil. O objetivo deste ensaio é retomar o legado de Anísio Teixeira e conhecer uma proposta de política pública para a educação básica em nosso país. Trata-se de um estudo bibliográfico, ancorado em textos produzidos pelo próprio autor e, também, em estudos produzidos por pesquisadores que se dedicaram ao seu legado. Os registros nos mostram que a proposta da Escola Parque era um ensaio, audacioso e inovador, para organizar uma política para o ensino primário. Ela foi eximamente planejada e destacava-se nos aspectos arquitetônico e pedagógico. A conclusão, ainda parcial, aponta que a experiência da Escola Parque mostrou que é possível ofertar uma educação pública de qualidade e, para tanto, é fundamental compromisso político e sólida formação docente.

Palavras-chave: Anísio Teixeira. Centro Educacional Carneiro Ribeiro. Organização do ensino básico.

Sandra Regina Cassol Carbello
Universidade Estadual de Maringá
sandra.cassol@gmail.com

Introdução

O objetivo deste trabalho é retomar o legado de Anísio Teixeira, conhecer sua proposta para a organização do ensino básico brasileiro e as dificuldades encontradas para efetivá-la como política pública em nosso país. Justificamos a escolha do autor porque seu legado continua atualíssimo, parece descrever quadros contemporâneos na luta pela oferta de uma educação de qualidade para todos. Para contribuir com o debate acerca da organização do ensino básico, lançamos um olhar exploratório sobre a proposta do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, ou Escola Parque, como ficou conhecida.

O projeto da Escola Parque foi pensado para ser transformado em uma política para a educação básica brasileira na década de 1950. Contudo, oscilações políticas e econômicas emperraram a exequibilidade do projeto e sua ampliação. Posteriormente, alguns projetos educacionais lançados em governos estaduais e até mesmo no governo federal, na década de 1990, retomaram parcialmente a inspiração deste projeto.

Com intuito de evidenciar as nuances de sua proposta, organizamos este texto em duas partes. Na primeira, sinalizamos os questionamentos que nos acompanharam desde as primeiras leituras de Anísio Teixeira: o que era a Escola Parque? Como surgiu a ideia para esta escola? Qual era sua proposta pedagógica? Na segunda parte do texto, lançamos notas para pensar políticas públicas no Brasil a partir do seguinte questionamento: quais as dificuldades para a Escola Parque se confirmar como uma política pública para a educação básica? Ansiamos contribuir, ainda que minimamente, com a leitura e o debate sobre o legado deste autor que é um ícone na história da educação brasileira, silenciado pela força impiedosa da opressão na ditadura militar¹.

A Escola Parque: uma proposta para o ensino público brasileiro

Organizamos esta primeira parte do texto a partir de três questões que, didaticamente, nos aproximam do legado de Anísio Teixeira: o que era a Escola Parque?

¹ Revista Carta Capital. O assassinato de Anísio Teixeira. por Emiliano José. Publicado em 13/01/2014.
Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-assassinato-de-anisio-teixeira-2603.html>
Acesso em abr/2014.

Como surgiu a ideia para esta escola? Qual era sua proposta pedagógica? Para respondê-las, recorreremos às obras do autor e seus interlocutores. Neste movimento, ressaltamos que as informações e documentos disponibilizados na Biblioteca Virtual Anísio Teixeira² foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Com base nos documentos elaborados por Anísio Teixeira podemos afirmar que a Escola Parque era uma proposta de educação integral que vislumbrava oferecer às crianças e adolescentes uma educação de qualidade. Preocupava-se com o aprendizado das disciplinas convencionais, com a organização de espaços adequados para integração e socialização dos alunos, preparando-os para o trabalho e para o exercício da cidadania. Atentava-se, também, para os aspectos de saúde, cuidando da alimentação, higiene, prática esportiva e artística.

Para Almeida (2001, p. 128) este projeto foi pensado “[...] com uma dinâmica e uma estrutura que lembravam uma universidade mirim, a ser desdobrada em outros locais da cidade de Salvador e do interior da Bahia, para acompanhar o processo de urbanização e a incipiente industrialização que se instalava”. Em seu discurso, na inauguração da escola, Anísio Teixeira anuncia o que fora vislumbrado para a instituição:

Desejamos dar, de novo, à escola primária, o seu dia letivo completo. Desejamos dar-lhe os seus cinco anos de curso. E desejamos dar-lhe seu programa completo de leitura, aritmética e escrita, e mais ciências físicas e sociais, e mais artes industriais, desenho, música, dança e educação física. Além disso, desejamos que a escola eduque, forme hábitos, forme atitudes, cultive aspirações, prepare, realmente, a criança para a sua civilização – esta civilização tão difícil por ser uma civilização técnica e industrial e ainda mais difícil e complexa por estar em mutação permanente. E, além disso, desejamos que a escola dê saúde e alimento à criança, visto não ser possível educá-la no grau de desnutrição e abandono em que vive (TEIXEIRA, 1959, s/p).

Este era o objetivo da Escola Parque, oferecer educação de qualidade em período integral. A previsão para o funcionamento era como um semi-internato, recebendo os alunos às 7h30min e devolvendo-os às famílias às 16h30min. Havia também uma projeção

² www.bvanisioiteixeira.ufba.br

para o funcionamento de internato para crianças abandonadas, porém, não chegou a ser executado.

Com surgiu essa proposta de educação integral? A proposta da Escola Parque surgiu a partir de um desafio lançado a Anísio Teixeira pelo governador Otávio Mangabeira para resolver o problema da infância abandonada. Vale registrar que Teixeira assumiu o comando da educação baiana em dois períodos distintos, o primeiro iniciou em 1924, quando recebeu a incumbência política de ocupar o cargo de Inspetor Geral do Ensino da Bahia e estendeu-se a 1929. O segundo período iniciou-se em 1947 e estendeu-se a 1951. Segundo Pinho (1960, p.180): “[...] 18 anos depois de ter deixado o mesmo posto, voltava ele para retomar os mesmos horários de trabalho, os mesmos esforços, para ‘eivar a educação à categoria do maior problema político brasileiro’”.

No segundo período, retomou o plano de edificações escolares para a Bahia, pois intencionava construir escolas de ensino primário e Centros Regionais de Educação no interior do Estado e as escolas de ensino integral na capital. Eram ações que buscavam solução “[...] para o problema do atendimento escolar em prédios escolares que permitissem substituir as aulas realizadas em salas acanhadas e nas residências das professoras, criando, assim, condições para o funcionamento de escolas em tempo integral” (ALMEIDA, 2001, p.129).

As escolas de tempo integral eram a solução para a infância abandonada, contudo o problema era bem mais abrangente. No discurso de inauguração da Escola-parque, Teixeira retomou a ordem que recebeu do governador e afirmou: “[...] entre nós, quase toda a infância, com exceção de filhos de famílias abastadas, podia ser considerada abandonada”. O abandono em casa era caracterizado pela ausência de um lar que educasse. Em relação à escola: “[...] se, aparentemente, tinham escolas, na realidade não as tinham, pois as mesmas haviam passado a simples casas em que as crianças eram recebidas por sessões de poucas horas, para um ensino deficiente e improvisado” (TEIXEIRA, 1959, s/p).

Foi com este propósito que esboçou o projeto da Escola Parque, solução encontrada para os problemas da capital baiana. Reuniu, então, um grupo de

profissionais para pensar o projeto arquitetônico e pedagógico para o funcionamento desta proposta vanguardista de ensino no Brasil. Segundo Almeida (2001, p.127) “[...] a cidade já construída exigia outra modalidade de grupo escolar, provocando a imaginação de um sistema especial de escolas designadas Escola-classe e Escola Parque”. Assim nasceu o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, mais conhecido como Escola Parque. Clarice Nunes (2009, p.125) sintetiza o projeto:

O projeto de construção do Centro comportava quatro escolas-classe de nível primário para mil alunos cada, com funcionamento em dois turnos; uma escola parque, com sete pavilhões destinados às práticas educativas, onde os alunos completavam sua educação no turno alternado ao da classe. Aos alunos do centro era oferecido um dia completo de permanência em ambiente educativo.

Como funcionava esta escola? Qual era a sua proposta pedagógica? Para atingir seus objetivos a escola foi organizada em dois setores: o da instrução e o da educação. No setor de instrução, “[...] manter-se-ia o trabalho convencional da classe, o ensino de leitura, escrita e aritmética e mais ciências físicas e sociais”. O setor de educação concentraria a força da escola ativa, desenvolvendo “[...] atividades socializantes, a educação artística, o trabalho manual e as artes industriais e a educação física” (TEIXEIRA, 1959, s/p), explicou o autor em seu discurso inaugural.

O dia escolar das crianças era dividido em dois períodos: o da Escola-classe e, no período oposto, o da Escola Parque. Na Escola-classe, formada por um conjunto de 12 salas de aula, mantinha-se o sentido preparatório da escola convencional, ou o ensino das letras e ciências, com os conteúdos típicos das disciplinas. Na Escola Parque, formada por um conjunto de atividades artísticas, esportivas, de preparação para o trabalho, de estudo e fruição, inovava-se com os princípios da educação moderna. Nela,

[...] predomina o sentido de atividade completa, com as suas fases de preparo e de consumação, devendo o aluno exercer em sua totalidade o senso de responsabilidade e ação prática, seja no trabalho, que não é um exercício mas a fatura de algo completo e de valor utilitário, seja nos jogos e na recreação, seja nas atividades sociais, seja no teatro ou nas salas de música e dança, seja na biblioteca, que não é só de estudo mas de leitura e de fruição dos bens do espírito. (TEIXEIRA, 1994, p.163)

Nunes (2009, p.126) cita algumas das atividades desenvolvidas na Escola Parque, por alunos que eram agrupados por idade ou preferências:

- artes aplicadas (desenho, modelagem e cerâmica, escultura em madeira, cartonagem e encadernação, metal, couro, alfaiataria, bordados, bijuterias, tapeçaria, confecção de brinquedos flexíveis, tecelagem, cestaria, flores) no Setor de Trabalho;
- jogos, recreação e ginástica no Setor de Educação Física e Recreação;
- grêmio, jornal, rádio-escola, banco e loja no Setor Socializante;
- música instrumental, canto, dança e teatro no Setor Artístico; leitura, estudo e pesquisas no setor de Extensão Cultural e Biblioteca.

O objetivo destas atividades era oferecer aos alunos experiências da vida em sociedade. Almeida (2001) retoma os princípios da proposta e sinaliza que era importante preparar os alunos para os embates da vida social, para isso, pretendia-se construir uma réplica da sociedade na vida escolar. Em texto sobre a Escola Parque o autor explica:

A organização da escola, pela forma desejada, daria ao aluno a oportunidade de participar, como membro da comunidade escolar, de um conjunto rico e diversificado de experiências, em que se sentiria, o estudante na escola-classe, o trabalhador, nas oficinas de atividades industriais, o cidadão, nas atividades sociais, o esportista, no ginásio, o artista no teatro e nas demais atividades de arte, pois todas essas atividades podiam e deviam ser desenvolvidas partindo experiência atual das crianças, para os planejamentos elaborados com sua plena participação e depois executados por elas próprias (TEIXEIRA, 1967, s/p).

Almeida (2001, p.131) dimensiona os espaços utilizados para a construção e funcionamento da Escola Parque: “O setor recreativo ou de educação física, numa área de 2.775m², é constituído de um campo gramado de esporte, campo de basquete, de voleibol, em área coberta, 120 banheiros com ducha, cantina e salas para reunião e guarda do material”. A autora lança o olhar para o setor artístico e assim o descreve: “[...] compreendendo as atividades de teatro, música e dança, [...] dispõe de um grande auditório semicircular, com palco giratório e capacidade para 5.000 pessoas”.

O setor socializante contava com banco, jornal, rádio, grêmio e loja. “[...] era organizado e administrado pelos alunos com a intenção de possibilitar o desenvolvimento das atividades de comunicação e de integração na comunidade escolar” (ALMEIDA, 2001, p.132).

Para atingir essas dimensões e integralizar a construção do que fora planejado e inaugurado em 1950, foram necessários 12 anos. O teatro e o pavilhão das atividades sociais foram entregues somente em 1962, antes disso as atividades artísticas e educação física aconteciam ao ar livre. Segundo Nunes (2009) a construção das instalações físicas da Escola Parque foi dada como encerrada em 1964.

Com esses breves apontamentos sobre a Escola Parque, encerramos a primeira parte deste ensaio e lançamos notas para pensar políticas públicas no Brasil a partir do seguinte questionamento:

Quais as dificuldades para a Escola Parque se confirmar como uma política pública para a educação básica?

O sonho de Anísio Teixeira era tornar possível o acesso a uma educação que desse condições para todo cidadão brasileiro conquistar uma vida melhor. Contudo, o projeto de educação integral que vislumbrou para o ensino básico foi considerado ambicioso e caro demais para se tornar uma política pública de educação no Brasil. Para tal crítica, Anísio respondeu: “[...] É custoso e caro porque são custosos e caros os objetivos a que visa. Não se pode fazer educação barata – como não se pode fazer guerra barata”. (TEIXEIRA, 1959, s/p). Para os que julgaram o projeto como estapafúrdio e visionário, ele argumentou:

Não é visionário, é modesto. O começo que hoje inauguramos é modestíssimo: representa apenas um terço do que virá a ser o Centro completo. Custará, não apenas os sete mil contos que custaram estes três grupos escolares, mas alguns quinze mil mais. Além disto, será um centro apenas para 4.000 das 40.000 crianças que teremos, no mínimo, de abrigar nas escolas públicas desta nossa cidade. Deveremos possuir, e já não só este, como mais 9 centros iguais a este. Tudo isso pode parecer absurdo, entretanto, muito mais absurdo será marcharmos para o caos, para a desagregação e para o desaparecimento. E de nada menos estamos ameaçados. (TEIXEIRA, 1959, s/p)

Segundo Almeida (2001, p.126) Anísio Teixeira advertia que não era um plano visionário, mas sim “[...] uma proposta que subverta a simplificação destrutiva e a escola improvisada que reduzem a educação a poucas horas de instrução, impedindo o brasileiro

de acreditar que a escola eduque”. Para Nunes (2009, 130) o que distingue a proposta de Anísio Teixeira “[...] é sua concepção de que a educação é um direito civil que está na base da autonomia de sujeitos históricos individuais e coletivos”.

Na defesa dessa escola que daria à grande massa de trabalhadores uma educação de qualidade Anísio Teixeira (1994) argumentou que a finalidade do ensino primário é habilitar os homens ao trabalho nas suas formas mais comuns e para isso não pode haver uma escola qualquer. É necessário organizá-la de maneira primorosa. Consciente das dificuldades que enfrentaria para manter e expandir seu modelo de escola evidenciou, em seu discurso, a preocupação com a qualidade docente para realizar o trabalho: “A maior dificuldade da educação primária, que, por sua natureza, é uma educação universal, é a de se obter um professor primário que possa atender a todos os requisitos de cultura e aptidão para um ensino tão vasto e tão diversificado” (TEIXEIRA, 1959, s/p). Diante disso, afirma que as Escolas Classe teriam os professores primários comuns e a Escola Parque teria professores “[...] especializados de música, de dança, de atividades dramáticas, de artes industriais, de desenho, de biblioteca, de educação física, recreação e jogos”.
Prossegue o autor:

Em vez de um pequenino gênio para tudo isto, muitos professores diferenciados em dotes e aptidões para a realização da tarefa sem dúvida tremenda de formar e educar a infância nos seus aspectos fundamentais de cultura intelectual, social, artística e vocacional (TEIXEIRA, 1959, s/p).

Para superar a dificuldade indicada, foram pensadas estratégias para recrutar, mobilizar e capacitar professores. Segundo Nunes (2009, p. 125) os professores foram recrutados na capital baiana e no interior. “[...] Passaram por cursos de aperfeiçoamento no Centro Regional de Pesquisas Educacionais da Bahia, no Curso de Artes Industriais do Senai, no Rio de Janeiro, na Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Belo Horizonte, [...]”.

Em 1967, Anísio registrou que a experiência foi exitosa, pois “correu o mundo” como exemplo de algo novo no campo educacional, graças ao compromisso e trabalho dos docentes envolvidos. Assevera que: “Não houve para essa experiência nem auxílio nem assistência técnica estrangeira de qualquer natureza. Os professores são todos

nossos e os que tiveram a oportunidade de aperfeiçoamento, aperfeiçoaram-se aqui, no Brasil” (TEIXEIRA, 1967, s/p). Assinala que o sucesso da experiência aconteceu graças ao conhecimento da diretora e a dedicação dos docentes:

[...] um corpo de professores admiráveis realizou, em silêncio, uma experiência nova, que mereceu o respeito de quantos dela puderam tomar conhecimento, e que aí está sob a vista de todos nós, para mostrar que podemos reconstruir a escola primária, por nós mesmos, desde que nos deem as condições para isto (TEIXEIRA, 1967, s/p)

O registro evidencia a sensibilidade e o respeito com o trabalho da equipe envolvida na realização deste projeto que comprova que é possível ofertar educação de qualidade para todos.

Em linhas gerais, a Escola Parque foi uma audaciosa proposta para o ensino básico. Para Fávero (2001) o segmento mais importante da educação para Anísio Teixeira era o ensino primário e sugere que, talvez por isso, a Escola Parque passou a ser a obra norteadora de toda uma política educacional. Circunscrevia-se assim, um projeto de educação para ser estendido ao país, “[...] como ensaio de solução, o que propõe uma direção da ação e não um modelo a ser impositivamente seguido” (NUNES, 2009, p.131).

Posteriormente, as ideias de Anísio Teixeira foram retomadas em distintas propostas para a educação integral no Brasil. Segundo Nunes (2009, p.130): “O Centro Educacional Carneiro Ribeiro serviu de âncora simbólica para diversos projetos que governos das mais diversas tendências político-ideológicas tentaram implantar”. Como exemplos a autora cita os Centros Integrados de Educação Pública, popularmente conhecidos pela sigla Cieps, que foram desenvolvidos no Rio de Janeiro, no governo de Leonel Brizola. Cita também os Centros Integrados de Atendimento à Infância, os Ciacs, amplamente divulgados no governo do presidente Fernando Collor, na década de 1990. “Pretendeu-se dar continuidade ao modelo de educação integral implantado por Anísio Teixeira, mas essas e outras iniciativas pouco ou quase nada têm a ver com a concepção que alimentou a iniciativa original” (NUNES, 2009, p.130).

A concepção do Centro Educacional Carneiro Ribeiro “[...] esteve na base da organização do sistema escolar de Brasília, traçado por Anísio Teixeira e que fazia parte

da sua proposta de um plano diretor de educação do governo federal para todo o País” (NUNES, 2009, p.121). Para Anísio Teixeira (1961, s/p): “O plano de construções escolares para Brasília obedeceu ao propósito de abrir oportunidade para a Capital federal oferecer à nação um conjunto de escolas que pudessem constituir exemplo e demonstração para o sistema educacional do país”. Nunes (2009) enfatiza que as propostas sempre tiveram a generosidade de uma visão de conjunto: “[...] A sua política nunca foi para uma escola, mas para o sistema de ensino, mesmo que os custos assustassem as autoridades e os grupos políticos com os quais se aliava, mesmo que exigisse um recrutamento antes impensável de profissionais e sua preparação” (NUNES, 2009, p.129).

Sua concepção pautava-se no princípio da educação obrigatória, gratuita e universal. Na perspectiva defendida por Anísio Teixeira ela só poderia ser ministrada pelo Estado. Em suas palavras: “Impossível deixá-la confiada a particulares, pois estes somente podiam oferecê-la aos que tivessem posses (ou a “protegidos”) e daí operar antes para perpetuar as desigualdades sociais, que para removê-las”. Prossegue o autor:

A escola pública, comum a todos, não seria, assim, o instrumento de benevolência de uma classe dominante, tomada de generosidade ou de medo, mas um direito do povo, sobretudo das classes trabalhadoras, para que, na ordem capitalista, o trabalho (não se trata, com efeito, de nenhuma doutrina socialista, mas do melhor capitalismo) não se conservasse servil, submetido e degradado, mas igual ao capital na consciência de suas reivindicações e dos seus direitos (TEIXEIRA, 1994, p. 81).

A escola pública vislumbrada era compromissada com a qualidade do ensino, com o uso do que havia de mais moderno para educar as crianças. Nunes (2010, p.31) sintetiza a proposta sonhada pelo autor: “Uma escola pública com um Ensino Básico de qualidade para todos [...]. Uma escola bonita, moderna, integral em que o trabalho pedagógico apaixonava e compromete professores e alunos”.

Aos nossos olhos um investimento necessário, afinal para a oferta de educação de qualidade a proposta de uma escola bonita, moderna e integral é básica. Contudo, se comparado ao que temos oferecido à maioria das crianças e adolescentes da classe trabalhadora compreenderemos o porquê foi considerado audacioso. Em outras palavras,

o sonho de Anísio Teixeira de ofertar uma educação de qualidade pautado numa política pública consistente ainda é uma utopia.

Considerações Finais

Encerramos este texto com um debate que apenas se inicia, enfatizamos duas notas para pensarmos políticas públicas educacionais a partir do legado de Anísio Teixeira. A primeira delas é que educação é um direito e deve ser organizada com qualidade para todos. Esta deve ser uma premissa para o ensino público.

A segunda nota refere-se ao envolvimento dos docentes num projeto educativo. A experiência da Escola Parque reitera que os professores precisam ser bem formados, respeitados e envolvidos na proposta educativa que se vislumbra, mostrou ainda que quando isso acontece os resultados esperados são alcançados. Anísio Teixeira nos ensina que é possível ofertar uma educação de qualidade para todos. Contudo, ressalta que ela não é barata, não pode ser reduzida a uma oferta qualquer, parcial, sem compromisso.

Em tempo, registramos que retomar o legado de Anísio Teixeira para pensar a educação brasileira na contemporaneidade é fundamental para conhecer nossa trajetória, entender nossas contradições e os desafios para a organização da escola pública compromissada com a aprendizagem dos alunos.

Referências

ALMEIDA, Stela Borges. A Escola Parque da Liberdade, Bahia. In: MONARCHA, Carlos (org.). **Anísio Teixeira: a obra de uma vida**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

FÁVERO, Maria de Lurdes de A. Anísio Teixeira: construtor da educação pública. In: MONARCHA, Carlos (org.). **Anísio Teixeira: a obra de uma vida**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira**. Recife - PE: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

_____, Clarice. Centro Educacional Carneiro Ribeiro: concepção e realização de uma experiência de educação integral no Brasil. In: **Em Aberto**, Brasília, v. 22, n. 80, p. 121-134, abr. 2009.

PINHO, Péricles Madureira de. Anísio Teixeira, episódios de sua vida e de sua luta. In: **Anísio Teixeira: pensamento e ação**. Retratos do Brasil, volume 3. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1960. (p.167-190)

TEIXEIRA, Anísio. Centro Educacional Carneiro Ribeiro. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v.31, n.73, jan./mar. 1959. p.78-84. Transcrição do discurso pronunciado em 1950 pelo Prof. Anísio Teixeira, quando da inauguração do Centro Educacional Carneiro Ribeiro (Escola Parque), na Bahia. Disponível em: www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/cecr.htm Acesso em: Nov/2013.

_____, Anísio. A Escola Parque da Bahia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v.47, n.106, abr./jun. 1967. p. 246-253. Disponível em: www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/cecr.htm Acesso em: Nov/2013.

_____, Anísio. Plano de construções escolares de Brasília. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v.35, n.81, jan./mar. 1961. p.195-199. Disponível em: www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/cecr.htm Acesso em: Abr/2014.

_____, Anísio. **Educação não é privilégio**. 5. Ed. Comentada por Marisa Cassim. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.